

MAYA BANKS

RENDIÇÃO

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ROSEMARIE ZIEGELMAIER

ASA

CAPÍTULO 1

Nervosa, Josslyn Breckenridge olhou de relance para o espelho para ver como estava, mesmo sabendo que ninguém iria reparar nela. Exceto Dash. Apesar de não ter confirmado, ela sabia que ele viria, como havia feito nos últimos dois anos, e levá-la-ia ao cemitério para visitar o túmulo do marido e enfeitá-lo com algumas flores.

As flores estavam no balcão ao lado, à espera de que ela lhes pegasse e as levasse consigo. Mas ela hesitou porque este ano... Este ano era diferente. E, embora apreensiva, Josslyn estava decidida.

Tinha de seguir com a sua vida. Tinha de esquecer. E isso doía, mas, ao mesmo tempo, trazia um certo alívio, como se um grande peso tivesse sido retirado dos seus ombros. Já estava na hora. E a única coisa que faltava era visitar o túmulo de Carson e ficar em paz com a sua decisão.

Ajeitou a blusa e alisou as calças de ganga. Não era o que normalmente vestiria para ir ao cemitério no aniversário da morte do marido. Nos últimos anos, sempre se vestira de preto porque achava que uma roupa mais descontraída poderia ser desrespeitosa ou dar a impressão de que aquela visita não tinha importância.

Mas ela sabia também que Carson não ia querer que ela vivesse assim: pelo contrário, ele sempre quis a felicidade dela, e insistir naquele luto tão profundo certamente que o deixaria triste.

Com um suspiro, Joss passou o brilho discreto nos lábios e prendeu descuidadamente o longo cabelo num rabo de cavalo, deixando algum solto.

Esta era a verdadeira Joss. Sem complicações. Mais à vontade de calças de ganga e *T-shirt* básica do que usando os vestidos caros, as joias, os mimos que Carson adorava dar-lhe. Porém, ainda vestia a *lingerie sexy* de que ele tanto gostava.

Fechou os olhos, tentando não se lembrar do passado e de como se sentia quando as mãos dele acariciavam o seu corpo, que ele conhecia até melhor do que ela. Carson sabia como agradecer-lhe, como tocar-lhe, como beijá-la, como fazer amor com ela.

E ele dera-lhe tudo o que ela sempre quisera. Amor, respeito – tudo menos a coisa que ela mais desejava e que nunca chegara a pedir. Ela amava-o de mais para pedir algo que ele *não poderia* dar.

Joss afastou aquele pesado véu de tristeza, determinada a terminar aquele dia e a começar uma vida. A sua *nova* vida.

Pegou nas flores, as suas favoritas, e inalou, fechando os olhos para melhor sentir o perfume. Carson adorava presenteá-la com aquelas flores, nos aniversários dela ou do casamento deles. Ou então a qualquer momento, sem motivo específico. Hoje era a vez dela: colocaria as flores no túmulo e ir-se-ia embora – desta vez para sempre.

Não precisava de uma lápide de mármore com as datas de nascimento e morte para se lembrar dele. Não era assim que pretendia recordá-lo e não queria continuar a sofrer com a tortura de visitar o cemitério e sentir saudades a cada momento.

Carson permaneceria para sempre no seu coração e na sua alma e, no futuro, seria *aí* que o visitaria, não no pedaço de terra e relva que cobria seu caixão.

Joss dirigiu-se rapidamente até à porta de entrada e, quando saiu, o brilho repentino do sol ofuscou-a. Embora estivessem na primavera, o tempo em Houston estava agradável e ela ficou feliz por ter escolhido a blusa de manga curta e não o vestido preto que costumava usar.

Tal como previra, Dash estava encostado ao carro, à espera dela. Assim que a viu pareceu um pouco espantado, mas logo se recompôs e estendeu a mão.

Ela roçou os seus dedos nos dele, e Dash apertou-lhe a mão com delicadeza. Não era preciso dizer nada: ambos sentiam a falta de Carson, marido e melhor amigo.

– Estás linda, Joss – disse Dash enquanto a conduzia até ao carro.

Ela sorriu, pois sabia que naquele dia não estava particularmente bonita. Provavelmente ele estava surpreendido com a aparência informal dela, mas não disse nada e pousou as flores no banco de trás, com cuidado para não caírem. Fechou a porta depois de se certificar de que Joss estava bem instalada.

Joss observou enquanto ele dava a volta pela frente do carro, as suas longas pernas percorrendo a distância em segundos. Quando Dash se sentou ao volante, ela sentiu o perfume dele.

A fragrância não mudava: era sempre aquele aroma másculo, embora ela soubesse que Dash não usava perfume nem *aftershave*. Era um homem simples e bastante parecido com Carson, embora o marido dela tivesse preferência por roupas caras. Até mesmo as peças informais se adaptavam à personalidade dele.

O carro assentava-lhe como uma luva: um elegante *Jaguar* preto, com um nome de predador que parecia evocar outras características de Dash.

Dash e Carson tinham sido sócios numa empresa, mas quem dava a cara era Carson. Era ele quem jantava e ia beber um copo com os clientes, era ele o parceiro bem-falante, que fechava negócios e comparecia em todos os eventos sociais. Dash trabalhava nos bastidores, conduzia as negociações e fazia o trabalho pesado, solucionando os problemas.

Carson sempre achara piada a esse facto, dizendo que ele era a beleza e o charme, enquanto Dash era o cérebro da operação. Mas Dash não lhe ficava atrás, nem em beleza nem em charme. Eram o oposto um do outro: Carson era loiro e Dash moreno. Os olhos de

Carson eram azuis e os de Dash castanho-escuros, reforçados por uma pele de tom mais moreno. Era tão bonito como Carson, mas com um poder de atração mais reservado e misterioso, quase pensativo. Quando começara a namorar com Carson, Joss ficara nervosa ao conhecer Dash. Fora um namoro-relâmpago, ela estava completamente apaixonada e sabia que Dash temia que o amigo estivesse a perder a cabeça e a avançar demasiado depressa. E, sabendo que o sócio do namorado era dessa opinião, Joss mantinha uma certa hesitação em relação a ele. Com o tempo, porém, essa sensação mudou e Dash transformou-se num apoio, sobretudo depois da morte de Carson.

Enquanto conduzia, Dash segurou na mão de Joss, entrelaçando os seus dedos nos dela e dando um ligeiro aperto, num gesto reconfortante.

Joss olhou para ele e sorriu, mostrando, sem palavras, que estava bem. Ao pararem no semáforo vermelho, Dash olhou-a novamente, quase como se tentasse descobrir o que havia de diferente nela.

Claramente satisfeito com o que viu nos olhos ou na expressão dela, Dash sorriu e não lhe largou a mão enquanto conduzia entre os carros em direção ao cemitério, que ficava a apenas alguns quilómetros da casa de Joss e de Carson.

O silêncio era agradável e, de qualquer forma, eles nunca conversavam muito nos dias em que Dash a levava ao cemitério. Claro que Joss ia lá noutras alturas, mas, no aniversário da morte de Carson, Dash estava sempre ao lado dela.

Não era, porém, este o único dia em que se viam, pois desde a morte de Carson o amigo tornara-se mais presente na sua vida, transformando-se numa fonte de apoio incansável. Quando ela precisou desesperadamente dele (sobretudo no primeiro ano), Dash ajudara sempre, fosse para decifrar a papelada depois da morte de Carson ou apenas para lhe fazer companhia nos dias em que Joss sentia que estava a desmoronar.

Joss seria sempre grata pelo apoio inabalável de Dash nestes três últimos anos, mas agora era hora de seguir em frente. Estava na

altura de se tornar independente, e de Dash deixar de tomar conta dela.

Hoje não era apenas um dia para abrir mão de Carson, mas também de Dash. Ele merecia mais do que carregar o fardo da viúva do seu melhor amigo. Tinha a vida dele e Joss não sabia com quem ele andava, se é que *mantinha* algum relacionamento estável. De repente, tudo se tornou claro e ela percebeu o quanto havia sido egoísta e egocêntrica desde a morte de Carson. Dash tinha sido uma presença constante, certa, mas isso ia acabar. Seria um milagre se Dash tivesse um relacionamento estável, porque poucas mulheres aceitariam que um homem largasse tudo e fosse imediatamente em auxílio da viúva de um amigo.

Quando chegaram ao cemitério estacionaram o carro e Joss saiu, sem esperar que ele a ajudasse. Ela abriu a porta de trás e inclinou-se para pegar nas flores.

– Eu faço isso, Joss.

Aquela voz grave ecoou-lhe nos ouvidos e ela sentiu um arrepio na nuca. Pegou no ramo e virou-se, sorrindo para o tranquilizar.

– Já o tenho. Está tudo bem.

Um olhar impenetrável estudou novamente as suas feições, tentando entender o que se passava. Era como se ele soubesse que algo estava diferente, mas não conseguisse perceber o quê. E isso era bom, porque Joss morreria se Dash pudesse ler os seus pensamentos. Se ele soubesse exatamente o que ela tinha planejado e como tencionava levar a sua vida dali para frente...

Ficaria horrorizado, sem dúvida. Acharia que ela tinha enlouquecido de vez e provavelmente arrastá-la-ia até ao consultório de um psiquiatra o mais rapidamente possível. Era por isso, então, que Joss não queria que ele soubesse.

Com as suas amigas era diferente. Chessy entenderia perfeitamente e até a encorajaria. Já Kylie, nem tanto...

Kylie era a cunhada de Joss e única irmã de Carson. Ambos tinham tido uma infância e adolescência terríveis e, assim como Carson não podia oferecer a Joss aquilo que ela desejava (e de que precisava), Kylie também não entenderia as suas atitudes.

Talvez até ficasse com raiva das suas escolhas, ou achasse que era uma traição à memória do seu irmão. Joss só podia esperar que Kylie a apoiasse de alguma forma, ainda que não conseguisse entender.

Mas não era o momento para precipitações. Primeiro tinha de ir ao cemitério e conversar com Carson pela última vez. Depois, à hora do almoço, encararia as suas melhores amigas. Joss precisava se ocupar ao máximo durante o dia, porque à noite...

À noite, tudo iria começar.

Ao aproximarem-se da campa de Carson, Joss achou que se ia desfazer em lágrimas, mas, estranhamente, sentiu-se em paz pela primeira vez em três longos anos. Talvez já não fosse sem tempo.

Ajoelhou-se e, antes de colocar as flores ao centro da campa, afastou as folhas e o pó da lápide com delicadeza. O seu olhar vagueou até à inscrição, com as datas de nascimento e morte de Carson.

Os seus dedos percorreram as palavras: *adorado marido, irmão e melhor amigo*. Palavras que diziam tudo, que lembravam as pessoas que choravam por ele. Fizera questão que Dash também fosse mencionado na inscrição, já que ele era parte da família, tanto quanto ela ou Kylie. Era uma pena que não tivessem tido filhos para perpetuar o seu legado e a sua memória!

Mas, como todos os jovens casais, acreditavam que tinham todo o tempo do mundo. Além disso, Carson não sabia se queria ter filhos, pois receava possuir os mesmos traços genéticos do pai. E embora Joss lhe garantisse que ele não tinha nada que se parecesse com o progenitor, ainda assim Carson temia magoar as pessoas que amava.

Ela entendia os receios dele. Sabia o quanto Carson a amava e que preferiria morrer a magoá-la ou a prejudicar os filhos que viessem a ter. Mas, no presente, a escuridão do passado parecia uma sombra – o mesmo passado que, à noite, atormentava o marido na forma de sonhos. E, embora Kylie quase nunca falasse sobre o assunto, Joss sabia que ela também tinha os mesmos pesadelos e, tal como o irmão, passava várias noites sem conseguir dormir.

Uma onda de tristeza tomou conta de Joss. Que desperdício! O seu sogro tinha destruído as vidas de duas crianças inocentes. E, pior ainda, continuava presente na vida adulta dos filhos, influenciando cada decisão. Vivo nos seus temores, apesar de morto. A memória e as lembranças de tudo o que tinha feito eram uma tortura.

– Joss?

Dash chamou-a com suavidade interrompendo-lhe os pensamentos, e foi então que ela percebeu que estava ajoelhada no túmulo há bastante tempo, ainda passando os dedos sobre as palavras da lápide.

Ele parecia preocupado e um pouco inseguro, algo que Dash definitivamente não era.

Joss inclinou a cabeça e os seus olhares encontraram-se.

– Preciso de um momento a sós, por favor. Se não te importas, espera por mim no carro. Só mais alguns minutos e podemos ir, está bem?

Dash ficou novamente surpreendido. Ela nunca tinha pedido para ficar sozinha na campa de Carson. Era sempre demasiado difícil e emocionante. Ele ficava sempre ao lado dela, firme e forte, o rochedo no qual ela se podia apoiar. Permanecia o tempo todo ao lado dela e depois levava-a de volta a casa. Durante o resto do dia, Joss chorava.

Hoje não. Não voltaria a ser assim.

– Se preferes assim.... – ele hesitou.

Ela confirmou com um movimento da cabeça, sem derramar nenhuma lágrima. Não queria começar a chorar à frente dele, pois já o tinha feito durante tempo a mais.

– Tudo bem – concordou ele. – Fica o tempo que quiseres, querida. Tirei o dia de hoje para ficar à tua disposição.

Joss sorriu. Claro que ele estava à disposição, mas ela já não queria isso. Tinha muito que fazer até ao final do dia e não podia arriscar perder a sua determinação e abrir-se com Dash. Não seria uma boa ideia e, aliás, ele não aprovaria. Iria pensar que ela tinha perdido o juízo.

E talvez fosse mesmo isso. Ou talvez estivesse a recuperar a razão.

Enquanto Dash se dirigia para o carro, Joss virou-se e ficou de pé junto da campa de Carson. Olhou para baixo, de dentes cerrados, reservando a emoção para a conversa que queria ter com o falecido marido.

– Sabes como te amo – disse Joss, como se Carson estivesse ali, em pé diante dela. – E vou amar-te para sempre. Mas quero que saibas que vou virar a página. Tentar virar – corrigiu. – Começando hoje à noite. Sei que houve... coisas... que não pudeste dar-me. E quero que saibas que nunca senti raiva por isso. Meu Deus, amei-te de mais para querer que me desses algo impossível.

– Mas agora foste embora.

Ao dizer estas últimas palavras, a sua voz falhou e ela reprimiu as lágrimas que começavam a surgir.

– Sinto-me sozinha, Carson. Tenho saudades tuas e sinto a tua falta todos os dias. Foste muito bom para mim, foste o amor da minha vida. Sei que nunca mais encontrarei isso. Encontrar a perfeição uma vez na vida é inacreditável, quanto mais duas... Não, sei que nunca haverá ninguém como tu. Mas há coisas das quais eu... preciso – murmurou. – Coisas que não me pudeste dar e que eu nunca te pediria. Quis vir aqui hoje para te dizer: não vou voltar. Não porque não te ame ou porque te vou esquecer. Mas porque não é assim que quero lembrar-me de ti. Quero lembrar-me de ti com vida, lembrar o nosso amor. E dói muito vir aqui, falar contigo, sabendo que nunca mais vais voltar para mim.

Respirou fundo e continuou:

– Encontrei um lugar especializado em... dominação. Preciso de descobrir se é disso que sinto falta, que sempre senti. Talvez encontre a resposta, talvez não. Mas tenho de tentar. Tenho de saber. E não posso seguir em frente sem te contar, sem explicar que nunca senti falta de nada enquanto estivemos casados. Que nunca duvidei, por um minuto sequer, que tu me amavas e me terias dado a Lua, se eu quisesse. Mas isto... isto, jamais to poderia pedir.

E neste momento, preciso de algo que me preencha o vazio. A minha alma tem um vazio, Carson, que talvez eu nunca consiga preencher. Eu aceitaria até um penso rápido, um curativo temporário, por assim dizer. Só queria que tu soubesses. Vou ficar bem e não me vou colocar em situações de perigo. Tomei precauções para que seja seguro. E mesmo que doa dizê-lo, estou a libertar-me. Agarrei-me à tua memória durante tempo a mais e não posso continuar. A vida está a passar-me ao lado, mas ela continua. Parece tão banal, não é? Mas é verdade. A Chessy e o Tate preocupam-se comigo, a Kylie e o Dash também. Estou surpreendida por ele ainda não ter desistido de mim. Tenho sido um fardo para ele – para todos eles – nestes três últimos anos e não quero continuar a ser esta mulher.

«Deste-me confiança e independência suficientes para que eu voasse. E quero isso novamente, Carson. Ensinaste-me tanto, deste-me o mundo. O problema é que, quando te foste, levaste o meu mundo contigo. E agora eu quero-o de volta. Quero viver e não continuar a ser este invólucro vazio que tenho sido desde que morreste.»

Joss respirou fundo, sabendo que o que iria dizer a seguir era burrice, mas tinha de desabafar. Dizer e esquecer aquela emoção incômoda.

– Também quero dizer que te perdoo. Sei que parece disparate: não precisas do meu perdão. Mas fiquei tão zangada durante tanto tempo quando te foste embora! Fui egoísta e passei os últimos três anos raivosa e ressentida. A partir de hoje, não vou voltar a ser assim.

Joss passou a mão sobre o mármore da lápide aquecida pelo sol.

– Amo-te. Sinto a tua falta. E sempre te amarei. Mas adeus, Carson. Onde quer que estejas, espero que estejas em paz e que saibas o quanto te amei. Obrigada por *me* amares.

Ela fechou os olhos marejados de lágrimas e só os abriu novamente quando teve a certeza de que a sua aparência estava um pouco melhor e de que podia voltar para o carro, onde Dash a esperava.

Olhou pela última vez para a campa e para as flores, que já começavam a perder algumas pétalas por causa do vento. Joss virou-se, endireitou as costas e foi embora. O vento estava a aumentar e o sol brilhava mais forte por entre as nuvens, banhando-lhe o rosto. Joss olhou para cima, absorvendo o calor e a paz que a envolviam num doce abraço. Parecia até que Carson lhe estava a enviar uma mensagem, ou talvez, imaginou, estivesse a abençoar a sua decisão.

Olhando-a fixamente e tentando avaliar o seu estado de espírito, Dash abriu a porta do carro. Com muito cuidado, Joss permaneceu impassível porque sabia que ele não ia gostar do que ela ia dizer e, se achasse que ela estava transtornada, não a deixaria sozinha o resto do dia.

Joss esperou que Dash se sentasse e começasse a conduzir antes de falar novamente:

– Tenho um compromisso para a hora do almoço e por isso não precisas de ficar. Nem à noite – murmurou, não se importando com a opinião dele.

Dash franziu o sobrolho e não tentou esconder a sua preocupação. Quando pararam no semáforo, pegou na mão de Joss.

– O que se passa contigo, querida?

O tom da sua voz era de apreensão e os seus olhos estavam fixos nos dela.

Joss esboçou um sorriso amarelo.

– Vou almoçar com a Kylie e com a Chessy. Está na hora de acabar com este papel de viúva que desempenho todos os anos no mesmo dia. Já faz três anos, Dash. Ele foi-se e não vai voltar.

Ela hesitou um instante, pois a dor do que tinha acabado de dizer chegou a tirar-lhe o fôlego por uns momentos. Mas tinha de o dizer e admitir a verdade e, talvez em voz alta, tudo se tornasse mais concreto.

Joss podia jurar ter visto alívio nos olhos castanho-escuros de Dash, mas foi algo tão fugaz que achou que tinha sido imaginação sua.

– Não queres mesmo que eu vá a tua casa depois do almoço com as meninas?

Ela abanou a cabeça.

– Não, não é necessário, Dash. Já cuidaste de mim durante tempo a mais. Está na hora de eu me aguentar sozinha. Tenho a certeza de que é um alívio para ti não teres de me vigiar, com medo de que eu enlouqueça. Sinto muito se fui um fardo para ti durante tanto tempo.

Nesse momento, um brilho de raiva apareceu naqueles olhos escuros.

– Raios, Joss, não és um fardo! O Carson era o meu melhor amigo! Ele e tu são muito importantes para mim.

Quando Dash não arrancou assim que o semáforo ficou verde, o carro de trás buzinou, impaciente. Dash acelerou e Joss deu-lhe a mão.

– Fico agradecida por isso e por tudo o que fizeste por mim. Mas está na hora, Dash. Tenho de fazer isto. Tenho de aceitar que o Carson se foi.

Dash não respondeu e continuou a olhar em frente. A tensão no carro era grande. Será que tinha ficado com raiva por causa dela? Só quis ser sincera e, na verdade, pensara que ele teria ficado feliz por não ter de cuidar dela como um frágil *bibelot* de vidro; por poder, finalmente, seguir em frente sem que ela fosse uma prioridade.

Ao chegarem a casa, saíram do carro. Dash acompanhou-a até à porta e ela entrou, agradecendo e despedindo-se.

– Isto não é uma despedida – disse ele com firmeza. – Só porque achas que não precisas de mim não quer dizer que eu vá simplesmente desaparecer. Podes esquecer, Joss.

Deu meia-volta e apressou-se em direção ao carro, deixando-a boquiaberta enquanto se afastava.

CAPÍTULO 2

Joss entrou no estacionamento do Lux Café em Westheimer e parou o seu *BMW roadster* ao lado do *Mercedes coupé* prateado de Kylie, um presente de Carson pelo vigésimo-primeiro aniversário da irmã, exatamente um ano antes do acidente fatal que o afastara de ambas.

Carson e Joss costumavam ir a Las Vegas com bastante frequência. Ele adorava apostar e tinha ensinado várias técnicas a Joss. Carson ajudou-a a melhorar as habilidades no póquer e agora ela era uma jogadora exímia. E, embora ele achasse graça quando ela ganhava uma soma mais alta, Joss nunca quis jogar na mesma mesa que o marido, que era bastante competitivo e detestava perder – ainda que fosse para ela.

Adoravam ficar no The Venetian, onde Joss descobrira o Lux Café e os pratos maravilhosos do menu. Ficou felicíssima quando abriram uma filial em Houston e não tardou que o local se transformasse no ponto de encontro favorito do casal e dos seus amigos.

Joss apressou-se até à porta de entrada, fazendo uma careta ao consultar o relógio. Carson sempre se metera com ela pela sua falta de pontualidade e hoje estava quinze minutos atrasada para o almoço com Kylie e Chessy.

Já estavam as duas no café quando Josh entrou, esbaforida. Olhou primeiro para a cunhada. O aniversário da morte de Carson

também era difícil para Kylie, pois Carson era o único familiar que ainda ela possuía. Joss fizera questão de continuar próxima da cunhada e as duas apoiavam-se mutuamente, sofrendo juntas com a dor da perda.

Havia uma tristeza evidente nos olhos de Kylie, mas eles brilharam assim que viu Joss. Kylie apressou-se para abraçar Joss.

– Como estás? – murmurou Kylie.

Joss abraçou-a e separaram-se com um sorriso.

– Estou bem – E era verdade.

Virou-se então para Chessy e também a abraçou.

– Estás bem, apesar da data? – perguntou Chessy, baixinho.

– Vamos sentar-nos e já conversamos. Estou a morrer de fome – disse Joss, sorrindo.

Pareciam as duas encantadas com o estado de espírito de Joss. Sentir-se um fardo, nos últimos três anos, não só para Dash mas também para as suas duas melhores amigas, era algo que a envergonhava. Mas não tornaria a ser assim. Hoje... Bom, hoje seria o primeiro dia do seu regresso. A sua vida iria entrar nos eixos e Joss iria preencher o vazio deixado pela morte do marido.

Sentaram-se num lugar mais reservado – Joss odiava as longas fileiras de mesas demasiado perto umas das outras. Ainda que a conversa fosse banal, ela detestava saber que outras pessoas estavam a ouvir. E hoje, mais do que nunca, Joss queria privacidade.

– Pareces... diferente – Chessy refletiu, enquanto consultava a ementa.

Joss nem precisou de abrir a dela porque já sabia o que queria. Os outros brincavam sempre com ela porque, apesar da maravilhosa seleção da extensa ementa, ela pedia sempre a mesma coisa e hoje não seria diferente. Carne de vaca vietnamita¹, o seu prato favorito no Lux Café.

– Eu estou diferente – disse Joss em voz baixa.

¹ No original, *shaking beef*. (N. do E.)

Kylie arregalou os olhos.

– O que aconteceu?

– O que aconteceu, não. O que vai acontecer – corrigiu Joss com firmeza.

– Ui. Será que queremos saber? – perguntou Chessy.

Quando o empregado apareceu para registrar os pedidos, ficaram as três em silêncio. Só quando ele se afastou é que Kylie pediu a Joss para explicar o que queria dizer.

Joss suspirou e olhou para Chessy.

– Quero fazer-te umas perguntas... Sei que é algo muito pessoal, mas já me falaste sobre isso e, se me estiver a intrometer de mais, podes mandar-me passear. Mas gostaria muito de te fazer algumas perguntas sobre ti e o Tate.

Uma sombra escura atravessou o rosto de Chessy e os seus olhos encheram-se de tristeza durante um breve momento. Joss e Kylie entreolharam-se, confusas.

– Sabes que me podes perguntar o que quiseres – disse Chessy com naturalidade, embora Joss achasse o tom um pouco forçado.

Decidiu aprofundar mais tarde o significado daquilo e prosseguiu.

– Uma vez disseste que o teu relacionamento com o Tate é do tipo dominador e passivo. Que quem manda na cama e fora dela é ele. Eu queria saber... quer dizer, é um disparate meu porque é óbvio que vocês são felizes, qualquer um consegue perceber o quanto estão apaixonados, mas... eu... queria entender melhor como é que isso funciona.

Kylie empalideceu e Joss detestou falar disso em frente a ela, mas não queria esconder um assunto tão importante da cunhada, que também era a sua melhor amiga. Na verdade, as duas – Kylie e Chessy – eram as melhores amigas de Joss. Era impossível *não* partilhar isto com elas, era importante de mais. Um salto monumental para longe da vida que ela vivera nos últimos três anos.

– Porque é que me estás a perguntar isso? – Chessy indagou num tom um pouco confuso e algo preocupado.

Joss respirou fundo e fechou os olhos. Segurou na mão de Kylie porque sabia o quanto seria difícil para ela.

– Vocês sabem que amei o Carson do fundo do meu coração. Ele deu-me tudo. Mas sempre tive esta... necessidade, desejo, ânsia, não sei como lhe chamar. Sempre quis ser... dominada... e tudo o resto. É a única coisa que o Carson não me podia nem queria dar. Eu amava-o de mais e nunca lho pediria. Falámos sobre isso uma vez, logo no início do nosso relacionamento, antes de ele me contar tudo sobre a infância dele. Sempre teve tanto medo de se tornar igual ao pai! A ideia de fazer alguma coisa que pudesse magoar-me ou que se assemelhasse a maus-tratos deixava-o horrorizado. E acho que, no início, ele tinha medo de me perder por não poder dar-me esse tipo de experiência.

Kylie baixou o olhar, mas Joss pôde ver que os seus olhos se encheram de lágrimas. Apertou ainda mais a mão dela, para transmitir uma força que até agora não tivera.

– E *agora* queres isso? – perguntou Chessy, preocupada.

Sem pressa, Joss confirmou.

Kylie levantou a cabeça, pronta para protestar, mas Joss desencorajou-a com um novo aperto na mão.

– Não quero um relacionamento. Quero dizer, não um relacionamento duradouro. Encontrei a perfeição uma vez e sei que nunca mais vou viver aquele tipo de amor. Mas preciso de algo que me preencha o vazio. Um vazio que sempre existiu, mas que, enquanto estava com o Carson, não doía tanto. Não me sentia sozinha, ele dava-me o que eu precisava, mesmo se uma pequena parte de mim quisesse e precisasse sempre de mais. Sei que parece horrível. Amei o Carson com todo o meu coração e toda a minha alma e nunca faria algo que o magoasse. Mas ele partiu. Tive de aceitar o facto de que, por mais que eu o deseje, ele não vai voltar.

A emoção formou um nó na sua garganta e ela pestanejou quando algumas lágrimas lhe inundaram os olhos, mas limpou o rosto porque não queria fazer uma cena em público. Kylie baixou novamente a cabeça, uma lágrima escorrendo-lhe pela face pálida.

– Sinto-me sozinha – murmurou Joss. – E preciso de alguma coisa, de alguém para preencher o vazio que o Carson deixou. Está na hora de eu esquecer tudo e tentar seguir em frente. Encontrei um sítio...

– Que tipo de sítio? – perguntou Chessy abruptamente.

– Chama-se The House.

A expressão no rosto de Chessy descontraiu.

– Eu conheço, eu e o Tate somos sócios. Inclusivamente, o Tate é amigo do dono, Damon Roche. Como ele é casado e agora tem um filho, não participa tanto quanto antes, mas ainda é ele que o gere.

– Nós conversámos – admitiu Joss. – Foi ele quem analisou a minha inscrição e foi muito atencioso comigo: fez questão que eu soubesse aquilo em que me estava a meter.

– E sabes? – deixou escapar Kylie, levantando novamente a cabeça. – Joss, isto é sério. E se te magoares? E se te envolveres com o homem errado? Há todo o tipo de monstros por aí. Deus do Céu, o meu pai era um deles. Como podes pensar em meter-te numa situação dessas sem saber o que isso significa?

– Mas eu sei – disse Joss, com calma. – Refleti e pesquisei muito até encontrar The House. Fui lá nos horários mais movimentados. Sei o que me espera. E o Damon garantiu-me que, principalmente na primeira visita, serei acompanhada de perto.

O empregado interrompeu e serviu as entradas, mas comer era a última coisa que passava na cabeça daquelas mulheres. Continuaram a conversar sem tocar na comida.

– Só queria saber como é contigo e com o Tate – disse Joss, baixinho.

Uma dor refletiu-se novamente nos olhos verdes de Chessy. Para tentar disfarçar a sua hesitação, ela prendeu uma madeixa de cabelo escuro atrás da orelha, mas Joss percebeu e perguntou-se o que estaria a acontecer com a amiga. Ela parecia... infeliz. E talvez estivesse assim há algum tempo, mas Joss andara tão absorta nos seus problemas que não prestou atenção às pessoas à sua volta.

– Estás a esconder alguma coisa, Chessy? – quis saber Joss.

Após uma breve expressão culpada, Chessy fez um ar surpreendido.

– Não, claro que não. Mas respondendo à tua pergunta: quando é feito da maneira certa, é a coisa mais maravilhosa do mundo. Nunca me arrependo de ter entregado ao Tate a minha mais completa submissão. Ele cuidou sempre tão bem de mim! Adorava-me e protegia-me a qualquer custo: eu vinha sempre em primeiro lugar. E ele era tão exigente!

Joss ficou intrigada ao perceber que todas aquelas frases estavam no passado.

– Era? Já não é assim? – perguntou.

Chessy dirigiu-lhe um sorriso radioso. Exageradamente radioso.

– Claro que é, foi só uma maneira de falar. Talvez não seja tão perfeito como costumava ser, mas isso já seria de prever. O Tate tem estado ocupado a tentar fazer os negócios singrar e, quando a novidade acaba, é fácil para qualquer relacionamento cair na rotina. Não te preocupes: não nos vamos divorciar nem nada do género – disse ela, rindo.

Toda aquela alegria forçada incomodou Joss, mas deixou de lado qualquer pressentimento para se concentrar naquilo que mais interessava naquele momento.

– A sério, se for um assunto demasiado íntimo... – começou. Mas Chessy interrompeu-a com um gesto da mão e pediu-lhe que continuasse. – Que tipo de coisas é que tu e o Tate fazem? Quero dizer, gostam de *bondage*? De sentir dor? De chicotear? Ou limitas-te a obedecer aos comandos dele?

Kylie parecia incomodada e começou a brincar com a comida, numa tentativa de se distrair. Tinha empalidecido e Joss começou a perguntar-se se fizera bem em tocar neste assunto à frente dela. Mas queria que Kylie soubesse, devia-lhe isso. Queria que soubesse que iria pelo menos *tentar* seguir em frente e envolver-se, ainda que temporariamente, com outro homem. Não queria que Kylie ficasse a saber por acaso, queria que soubesse por ela.

– Acho que tudo depende do que cada um quer – disse Chessy, baixinho. – Sim, fazemos tudo isso e muito mais. Ele pode fazer comigo o que quiser. E sabe até onde pode ir, quais são os meus limites, pois já estamos juntos há muito tempo. Talvez até saiba mais do que eu. Mas, no início, é importante seres honesta com o teu parceiro e estabelecer limites. Ele precisa de saber exatamente o que é confortável para ti. Também vais precisar de uma palavra-chave de segurança, uma senha, até que o teu relacionamento evolua e ele saiba até onde pode ir.

– Sinto-me uma criança numa loja de brinquedos – disse Joss, com tristeza. – Quero experimentar tudo, pelo menos uma vez. Não *conheço* os meus limites. E só vou saber quais são quando forem ultrapassados.

– Então é extremamente importante que escolhas o homem certo, um que entenda que és nova nisto e que queres experimentar, mas que saiba que tens o direito de parar a qualquer momento. E, pelo amor de Deus, Joss, não te ponhas a levar para casa alguém que não conheças muito bem. Fiquem no clube. Experimenta tudo o que quiseres em lugares públicos, onde estarás mais segura.

Joss concordou. Já tinha pensado nisso e não tencionava levar um homem para a casa onde ela e Carson tinham vivido e se tinham amado. Seria demasiado desrespeitoso fazer uma coisa que teria chocado o marido em casa dele. E ela também não concordaria em ir até casa de um estranho, onde só Deus sabia o que poderia acontecer assim que estivessem a sós e ela à sua mercê.

Joss pensara em todos os riscos. De verdade! Visitara The House mais do que uma vez, fizera perguntas infundáveis a Damon, sempre muito paciente e compreensivo. Porém, agora, depois de ouvir as advertências de Chessy, estava na dúvida.

Mas não. Pensara em tudo. Não fizera outra coisa nestes últimos meses. E, mesmo que parecesse de mau gosto seguir em frente no terceiro aniversário da morte do marido, para ela era simbólico. E não ia desistir.

Joss estremeceu quando Chessy disse que pertencia ao marido. Que era dele e que ele podia fazer com ela o que quisesse. Era o que

Joss queria, um desejo obscuro que nem mesmo ela entendia perfeitamente. Não que o seu coração e alma não tivessem pertencido a Carson – pertenciam, sim, e ela entregara-se ao marido sem restrições.

Mas esta necessidade de ser dominada era mais profunda do que a necessidade de pertencer a alguém. Ela queria ser... uma propriedade. Querida. Completamente adorada. Tudo o que o marido lhe tinha dado, mas também... *mais*. Queria cruzar aquela linha, ultrapassar os seus limites, saber quais eram e até onde queria ir. Como iria saber, se não tentasse?

– Vais mesmo fazer isto, não vais? – Kylie perguntou baixinho.
– Vê-se nos teus olhos. Conheço esse olhar: já estás decidida.

Joss concordou e sentiu-se aliviada por estar a admiti-lo.

Chessy estendeu a mão para apertar a mão de Joss. Ela agora estava de mãos dadas com as duas amigas.

– Então só posso desejar-te boa sorte – disse Chessy.

– Não está na hora de ires? – perguntou Joss, lembrando-se que Chessy tinha mencionado alguns dias antes que ela e Tate iriam passar a tarde juntos. – O Tate não está à tua espera? Não te quero atrasar. Só te queria fazer estas perguntas.

Surgiu novamente aquela sombra nos olhos de Chessy, antes de ela baixar o olhar e largar a mão de Joss.

– Não – disse Chessy baixinho. – Ele teve de cancelar. Surgiu-lhe um problema importante no trabalho.

Joss fez uma careta.

– Desculpa, sei como estavas ansiosa por este encontro. Infelizmente tenho de ir. Preciso de tempo para me preparar para hoje à noite. Embora esteja decidida, estou nervosa e preciso de me arranjar e de me convencer a levar isto adiante.

Chessy sorriu.

– Amanhã cedo quero um relatório completo e, se não o tiver, apareço em tua casa. E se não estiveres em casa, chamo a polícia!

Joss sorriu.

– Claro que vou estar em casa.

Joss deixou na mesa várias notas para pagar o almoço e levantou-se. Kylie também.

– Vou contigo até lá fora – disse Kylie.

Surpreendida, Chessy olhou para Joss e depois para Kylie. Joss suspirou. Sabia o que a esperava. Despediu-se de Chessy e saiu do restaurante, com Kylie a seu lado.

Quando chegaram ao estacionamento, Kylie segurou no braço de Joss.

– Joss, pensaste bem em tudo isto? – perguntou em tom de súplica. – Estou muito preocupada, tu não és assim. O que é que o Carson iria pensar? Ele morreria se soubesse!

– Kylie, o Carson *está* morto – disse Joss num tom meigo. – Não podemos trazê-lo de volta. Meu Deus, se eu pudesse, fá-lo-ia sem hesitar. Esqueceria aquilo de que preciso e quero se pudesse trazê-lo de volta. Mas ele *partiu*.

As lágrimas provocaram-lhe um nó na garganta, lágrimas que prometera a si mesma que não derramaria nesse dia. Estava determinada, este ano seria diferente, não passaria o aniversário da morte de Carson apática e a sofrer.

Cheios de dor, os olhos de Kylie encheram-se de lágrimas que foram escorrendo pelo seu rosto.

– Sinto tanto a falta dele! Ele era a única família que eu tinha. Ainda não acredito que ele já cá não está.

Kylie estava a tremer e Joss abraçou-a com força.

– Estás enganada. Tu tens uma família, tens-me a *mim*, e eu não vou a lado nenhum. Isto não vai mudar nada entre nós, juro. Mas, Kylie, tenho de seguir em frente. Isto está a matar-me. O luto está a matar-me aos poucos e o Carson *odiaria* que isso acontecesse. Ele não iria querer que eu passasse o resto da minha vida de luto. Ele ia ser a primeira pessoa a querer que eu estivesse feliz, mesmo ao lado de outro homem.

Kylie afastou-se, limpando as lágrimas.

– Eu sei. A sério. E *quero* que sejas feliz, Joss. Mas precisa de ser desta forma? Não sabes o que significa ficar à mercê de um monstro. Não entendo como podes querer colocar-te numa posição indefesa, sob o jugo de alguém que te pode magoar, maltratar. Acredita quando

te digo: tu não queres isso. Nunca poderás entender como é sentires-te humilhada e impotente. Eu *sei*. E não quero isso para *ti*. O Carson jamais quereria isso.

Joss limpou as lágrimas de Kylie.

– Nem todos os homens são assim, Kylie. Entendo a tua preocupação, não estou a negar aquilo que vocês passaram. Nunca vou permitir que isso aconteça comigo. Olha só para a Chessy e o Tate, tu sabes o tipo de relacionamento eles têm. Achas que o Tate seria capaz de magoar a Chessy? Ele ama-a, adora-a. E respeita realmente a sua dádiva da submissão. E é *isso* que eu quero.

– Mas ele *está* a magoá-la – disse Kylie com convicção. – Tens de ter reparado no que eu vi hoje. No que vimos nos últimos meses. Ela não está feliz, Joss, e estou preocupada. E se ele estiver a maltratá-la?

Joss pestanejou, chocada com a declaração de Kylie. Sim, notara que Chessy não estava feliz e alegre como de costume. Tinha percebido que se passava algo de errado com a sua melhor amiga, mas em momento algum pensou que Tate estivesse a magoá-la fisicamente.

– Não sei exatamente o que está a acontecer entre a Chessy e o Tate – disse Joss com cuidado. – Mas tenho a certeza de que ele não está a abusar dela. A Chessy não aceitaria. Ela é forte e independente de mais, mesmo tendo-se submetido ao Tate. Para não falar no facto de que ela nos contaria, se isso estivesse a acontecer. Somos próximas. Nós saberíamos, Kylie. Nós *saberíamos*.

– Nunca ninguém soube o inferno que eu e o Carson tivemos de aguentar – disse Kylie, com sofrimento. – Escondíamos tudo. Aos olhos dos outros, o nosso pai parecia amoroso e incapaz de nos magoar. Mas, entre quatro paredes, ele era um *monstro*.

– Não te preocupes comigo, por favor – disse Joss. – Nem com a Chessy. Eu falo com ela, se isso te fizer sentir melhor. Conheço o Tate, todas nós conhecemos, somos amigos há anos. Duvido que ele esteja a maltratar a Chessy. Querida, sei que não estás feliz com a minha escolha. Não espero que aceites a minha decisão, mas gostava que a respeitasses, ao menos.

– Amo-te – disse Kylie numa voz quebrada. – E nunca me perdoaria se não tentasse afastar-te desse caminho que pareces estar tão determinada a seguir. Mas se é isso que realmente queres, se é o que precisas e o que te fará feliz, então vou tentar respeitar as tuas escolhas. Só não quero perder-te também a ti!

Joss abraçou-a novamente.

– Não me vais perder. És a minha irmã e melhor amiga. O Carson não era o único elo que nos unia e, agora que partiu, não quer dizer que este elo se tenha rompido. És a minha família, Kylie. Também te amo.

Kylie afastou-se, um sorriso choroso nos lábios.

– Espero um relatório amanhã, tal como a Chessy. Não vou conseguir dormir de preocupação. Só espero que saibas aquilo em que te estás a meter.

– Também eu – murmurou Joss. – Também eu.

CAPÍTULO 3

Dash Corbin estacionou o carro em frente a The House e ficou sentando um instante, perguntando-se novamente porque tinha vindo. Normalmente, no aniversário da morte de Carson, Dash passava o dia – e a noite – com Joss. Ele ficava muitas outras vezes com ela, mas nos primeiros dois anos tinha passado o dia todo ao lado dela, abraçando-a, confortando-a e dando-lhe apoio.

Aquele era o inferno pessoal dele.

Era horrível estar apaixonado pela mulher do melhor amigo e Dash sentira-se culpado ao longo de todo o casamento dos dois. Carson sabia. Tinha percebido, apesar das tentativas de Dash de esconder os seus sentimentos. Mas o seu melhor amigo era observador e conhecia-o melhor do que ninguém. Não eram apenas sócios nos negócios. Eram praticamente irmãos, embora Dash não tivesse passado pelo inferno que Carson e Kylie enfrentaram na infância.

A família de Dash era o oposto da de Carson. Se é que alguém poderia chamar *família* àquele sacana do pai dele. Os pais de Dash ainda eram apaixonados um pelo outro e estavam juntos há quarenta anos. Tiveram cinco filhos: os dois mais velhos, Dash e duas raparigas mais novas, que eram protegidas e mimadas pelos irmãos.

Aquela família enorme e unida surpreendera Carson desde o primeiro momento, pois ele não sabia como comportar-se num

ambiente normal e equilibrado. Tinham recebido de braços abertos tanto Carson como Joss, quando os dois se casaram, e também Kylie, embora ela fosse mais reservada e cautelosa.

Dash suspirou novamente, saiu do carro e encaminhou-se para The House. Nem estava muito interessado em fazer alguma coisa hoje, mas sentia-se agitado e nervoso. Não conseguira parar de pensar em Joss o dia inteiro, desde a ida até o cemitério, quando se apercebera de algo diferente nela.

Não sabia explicar o motivo daquela mudança repentina. Ela saiu de casa de calças de ganga e blusa e estava tão linda e jovial que Dash sentia uma dor no peito só de se lembrar.

Quando chegaram à campá, Joss pediu para ficar a sós e esteve bastante tempo a conversar com Carson. Quando voltou, o comportamento dela parecia mudado. Em seguida, Joss começou com aquele discurso sobre não precisar dele. Pedindo *desculpas*, pelo amor de Deus, por ser um fardo pesado, por ocupar tanto tempo da vida de Dash! Que diabos, ela nem percebia que a vida dele *era* ela. Ou pelo menos, era o que ele queria que fosse.

Dash fez o *check-in* na entrada e deu uma volta pelo piso de baixo, onde ficavam as salas de convívio. Era lá que as pessoas se encontravam, bebiam um bom vinho e conversavam antes de subirem para a sala comunitária ou para uma das suítes privativas.

Não havia falta de mulheres lindas ou de olhares interessados. Há muito tempo que ele não aparecia por lá para aliviar a tensão. Em geral, Dash resolvia ir depois de passar algum tempo com Joss. E fingia que quem estava com ele era ela, o que fazia dele um idiota. Mas tratava bem as mulheres, para que não desconfiassem que não passavam de pobres substitutas da única mulher que ele não podia ter.

Será que Joss estava finalmente a seguir em frente? Naquele discurso no carro ela pareceu dolorosamente direta, e isso tinha sido difícil para ele. Dash viu a pura emoção nos olhos dela quando disse que Carson não voltaria, que era preciso aceitar isso e continuar com a vida dela. Será que estava a falar a sério?